

Alguma coisa se move na boa direção

21 MAR 1991

GAZETA MERCANTIL

Igor Cornelsen *



A performance da economia brasileira não nos tem ajudado a perceber que alguma coisa se move na direção correta. A vida dos empresários, dos banqueiros e dos tecnocratas é tão complicada com essa parafernália de planos intervencionistas, que desgraçam a economia brasileira e seus agentes, que não nos permitiu ver ainda que existe uma semente da economia de mercado que parece estar germinando.

A combinação de três eventos de livre mercado e redução de tarifas está fazendo com que uma reforma industrial prepare-se para nascer.

O primeiro refere-se à abertura da economia para a competição internacional, através da redução das tarifas aduaneiras e do câmbio flutuante, que alerta os empresários para melhorar seus produtos e baixar os custos de produção para não serem atropelados pelos que vêm do hemisfério norte, ao mesmo tempo que em nove meses a esdrúxula lei da informática deixará de tornar obsoletos os nossos produtos,

antes mesmo de serem produzidos.

O segundo evento é também fundamental e trata-se da eliminação de impostos na aquisição de máquinas e equipamentos industriais, bem como a aceitação de sua depreciação acelerada como forma de diminuir impostos no curto prazo.

O terceiro evento é o desenvolvimento de mecanismos de financiamento para multinacionais a custos competitivos e com prazos compatíveis com investimentos industriais. Trata-se da permissão, por parte do Banco Central do Brasil, da emissão de "commercial papers" por empresas e bancos brasileiros com sua colocação no exterior e sobre cujos juros a serem remetidos não incidirá Imposto de Renda.

Esse mecanismo não só possibilita multinacionais pagarem juros baixos a longo prazo como também subsidia a captação de empréstimos de médio prazo para o Brasil. Quando perdemos completamente o crédito externo em função de diversos calotes, as multinacionais emprestam às suas subsidiárias no Brasil (e portanto ao Brasil) à Libor + 0,5%, um terço da taxa que empresas brasileiras pagam hoje para importar equipamentos, quando financiados no

mercado à "forfait", isto é, o fornecedor do equipamento aumenta seu preço, embutindo o custo do desconto das notas promissórias que venderá no mercado livre, principalmente na Suíça e em Londres.

No ano de 1990 o Brasil recebeu cerca de US\$ 1 bilhão de dinheiro novo nesta modalidade a juros inferiores à Libor + 1% e provavelmente receberá mais de US\$ 2 bilhões em 1991, principalmente se houver acordo com os credores externos e se o Brasil assinar uma carta de intenções com o Fundo Monetário Internacional. Interessante notar que anos de calotes em credores externos não geraram os recursos direcionados ao investimento. Mecanismos de mercado, no entanto, geram.

Não foi ao acaso que General Motors, Fiat e Autolatina anunciaram investimentos de US\$ 1 bilhão, US\$ 600 milhões e US\$ 2 bilhões, respectivamente, na semana passada; é fruto da abertura do mercado e da redução de impostos e taxas.

Para que o Brasil estoure (no bom sentido), esse pequeno exemplo de economia de mercado, menos governo, menos regulamentos e menos impostos, deve disseminar-se por toda a Nação. Nos surpreenderia mais com o que uma econo-

mia de mercado poderia fazer para um país viável e com tamanho potencial de crescimento.

Porém, se por um infortúnio não tivermos a capacidade de expandir essa pequena cabeça-de-ponte de economia de mercado, que surge no Brasil, capaz de absorver a totalidade da economia; se continuarmos insistindo com os monopólios do petróleo, telecomunicações, administração de portos, estradas e geração de energia; se nós, economistas intervencionistas que saem às centenas todos os anos da Unicamp, UFRJ, PUC, etc. continuarem a criar suas regrinhas, "tablitas" e tentarem administrar e controlar a economia como nos últimos seis anos, essa semente que pode nascer trazendo a economia de mercado não se estabelecerá. Em seu lugar, não teremos a explosão da economia para o crescimento, mas da base monetária e da inflação.

Nesses últimos anos competimos com o Peru e a Argentina para saber quem tinha o pior modelo econômico da América do Sul. Com um pouco de sorte, deixaremos o título para ser disputado apenas por argentinos e peruanos.

* Diretor do WestLB Limited.